

# CHATEAUBRIAND, LEITOR DE CAMÕES:

O POETA PORTUGUÊS NAS  
MÉMOIRES D'OUTRE-TOMBE<sup>1</sup>

Rafael Souza BARBOSA<sup>2</sup>

**RESUMO:** François-René de Chateaubriand (1768-1848), cujas obras de temática indígena são comumente associadas ao romantismo brasileiro, interessava-se não só pela América e seus nativos, mas também pelo poeta português Luís de Camões (c. 1525-1580?). Mesmo que sejam encontradas menções ao autor de *Os Lusíadas* em livros de Chateaubriand a partir de *Le Génie du Christianisme* (1801), é apenas em *Les Mémoires d'Outre-Tombe* (1849-1850) que o legado camoniano integra significativamente sua poética. Nessa obra, ele se valeu de elementos para além do poema épico, avaliando-os de maneira predominantemente positiva. A leitura dos trechos em que a vida e a obra do poeta são mencionadas revela que seus nome e universo poético estão intimamente ligados a meditações e a devaneios de Chateaubriand; e atuam produtivamente na composição de sua obra. Desse modo, este trabalho procura abordar Camões enquanto elemento constitutivo das *Mémoires d'Outre-Tombe*, bem como valores poéticos a ele associados. Espera-se, assim, indicar como esta obra projetou o legado camoniano no campo literário francês na primeira metade do século XIX, local e época privilegiados de sua transmissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camões, Chateaubriand, Recepção, Romantismo Francês

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que se dedica ao estudo da recepção de Camões no século XIX, sobretudo na França, que conta com apoio do CNPq na

<sup>2</sup> Mestrando em letras, com bolsa do CNPq, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: rafaelsouzabarbosa@gmail.com.

## CHATEAUBRIAND, LECTEUR DE CAMÕES: LE POÈTE PORTUGAIS DANS *MEMOIRES D'AUTRE-TOMBE*

**RÉSUMÉ :** François-René de Chateaubriand (1768-1848), dont les oeuvres portant sur la thématique indienne sont souvent liées au romantisme brésilien, s'intéressait non seulement à l'Amérique et ses sylvicoles, mais aussi au poète portugais Luís de Camões (c. 1525-1580?). Même si l'on repère des mentions sur l'auteur des *Lusiades* chez Chateaubriand dès la parution de *Le Génie du Christianisme* (1801), il n'est que dans *Les Mémoires d'Outre-Tombe* (1849-1850) que l'héritage camonien fait partie notable de sa poétique. Dans cet ouvrage, il s'est emparé des éléments au-delà de l'épique, en les mettant en valeur. La lecture des extraits dans lesquels la vie et l'oeuvre du poète sont évoquées montre que son nom et son univers poétique sont profondément liés aux méditations et aux rêveries de Chateaubriand ; et aussi qu'ils agissent sur la composition de son autobiographie. De ce fait, ce travail aborde Camões en tant qu'en faisant partie de la poétique des *Mémoires d'Outre-Tombe*, aussi bien que les valeurs associées au poète au fil du texte. On espère montrer la façon dont cette autobiographie a transmis l'héritage camonien dans le champs littéraire français pendant la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle, endroit et moment privilégiés de sa diffusion.

**MOTS-CLÉS :** Camões, Chateaubriand, Réception, Romantisme français

Houve, na primeira metade do século XIX na França, um interesse crescente por Camões e *Os Lusíadas* graças não só ao prestígio do gênero épico nesse período, mas sobretudo à valoração romântica atribuída ao poeta com a apropriação de suas vida e obra. Como marco editorial, destaca-se a suntuosa edição do épico português organizada por Morgado de Mateus e publicada por Firmin Didot (1817), que teve um impacto significativo entre franceses e estrangeiros (GALLUT, 2015), tanto sua primeira edição (In-4), doada a intelectuais e instituições, quanto sua segunda edição (In-8), comercializada dois anos depois. Antecede-a o verbete do poeta na *Biographie Universelle* de Michaud (1814), escrito por Madame de Staël; e sucede-a a *Ode à Camoëns* (1819), de François Raynouard, membro da *Académie Française*.

Estes dois trabalhos, em diálogo com aquela edição, colaboraram com um processo de reavaliação de Camões e de seu legado, em um embate direto com leituras anteriores predominantemente negativas, cujo principal representante era Voltaire. Também contribuíram as histórias literárias de Bouterwek (1805), de Sismondi (1813) e de Ferdinand Denis (1826), uma vez que, escritas nesse gênero que se tornaria predominante nos estudos de literatura ao longo do século, forneciam juízos críticos claros e consistentes para o tratamento do patrimônio literário. Com efeito, não só reimprimiu-se em 1813 e 1820 a tradução de *Os Lusíadas* de La Harpe (1776); mas também realizaram-se quatro novas traduções, em prosa (1825; 1841) e em verso (1842; 1844).

François-René de Chateaubriand (1768-1848) integra esse processo de reavaliação do legado camoniano sobretudo através de suas figurações em *Le Génie du Christianisme* (v. 2, 1802) e em *Les Mémoires d'Outre-Tombe* (v. 2, 3, 5, 7, 8 e 11, 1842-1850). O contraste de ambas assinala não só uma mudança relativa à apreciação do poeta e de seus poemas em duas obras de gêneros bastante distintos; mas também uma descoberta da extensão de seu corpus poético e das potencialidades de sua vida para a criação literária. A menção a Camões na primeira obra, escrita durante seu exílio na Inglaterra, recobre apenas *Os Lusíadas* enquanto poema épico cristão, no escopo da análise que pretendia empreender. Nessa medida, a leitura encontrava-se previamente limitada e não podia ser positiva, haja vista a mistura das mitologias pagã e cristã já apontada por Voltaire, apesar da benevolência que Chateaubriand manifesta a respeito de seu autor.

C'était encore un bien riche sujet d'épopée [de Ercilla] que celui de La Lusiade. On a peine à concevoir comment un homme du génie du Camoëns, n'en a pas su tirer un plus grand parti. Mais enfin, il faut se rappeler qu'il fut le premier épique moderne, qu'il vivait dans un siècle barbare, qu'il y a des choses touchantes, et quelquefois sublimes dans les détails de son poème, et qu'après tout, le chantre du Tage fut le plus infortuné des mortels. (...) Le mélange que Camoëns a fait de la fable et du christianisme nous dispense de parler du merveilleux de son poème.<sup>3</sup>  
(CHATEAUBRIAND, 1802: 32-33)

O escritor avalia que o poeta não soube tirar proveito do tema bastante rico de sua epopeia, nem desenvolver integralmente alguns de seus episódios; e recusa-se a abordar as manifestações do *maravilhoso*, provenientes da mitologia pagã. Ainda que *Os Lusíadas* não seja bem sucedido enquanto epopeia cristã, Chateaubriand ressalta o gênio de Camões, de maneira indulgente; e atenua as falhas apontadas através da enumeração de condições adversas a sua composição. É interessante notar que as razões apresentadas abarcam elementos tanto históricos, o pioneirismo da obra em um século bárbaro, quanto biográficos, a produção poética de um gênio condicionado por seus infortúnios. Dessa maneira, Chateaubriand atribui tacitamente um valor ao poeta e a seu legado à revelia da tentativa de modernização de uma poética classicizante. Dito de outra maneira, ele indica que

---

<sup>3</sup> Era, porém, um tema muito rico para uma epopeia [*Araucana*, de Ercilla], assim como o de *Os Lusíadas*. É difícil conceber como um homem do gênio de Camões não soube tirar um melhor proveito dele. De qualquer forma, é preciso lembrar que ele foi o primeiro épico moderno; que ele viveu em um século bárbaro; que há coisas tocantes e algumas vezes sublimes nos detalhes de seu poema; e que, além de tudo, o *aedo* do Tejo foi o mais desafortunado dos mortais. (...) A mistura que Camões faz da fábula e do cristianismo dispensa-nos de falar do *maravilhoso* de seu poema.

há algo interessante na vida e na obra do poeta para além das regras do épico cristão, de modo a sugerir uma outra valoração produtiva, que se manifesta em sua obra autobiográfica.

As *Memóires d'Outre-Tombe*, escritas entre 1809 e 1841 e publicadas em livro em 1849-1850, apresentam inúmeras passagens em que a vida e obra de Camões são evocadas; e permitem constatar de que maneira seu nome e universo poético incorporam-se à autobiografia de Chateaubriand. Apenas sugerida em *Le Génie du Christianisme*, a valoração produtiva realiza-se através de um espelhamento biobibliográfico entre o poeta e o escritor, sobretudo em relação a seus destinos pessoais e ao futuro de suas obras. Este espelhamento, assim, concorre para a conformação da poética de seu projeto autobiográfico, que, tendo como ponto de partida as memórias aristocráticas, constitui um gênero moderno na França oitocentista (GIL, 2008).

No segundo tomo de *Mémoires d'Outre-Tombe*, Chateaubriand, que partiu de Saint-Malo em direção à América, relata como se sentiu ao avistar a Ilha do Pico nos Açores. A imagem do vulcão, que dominara durante muito tempo mares nunca antes navegados, provoca um sentimento mágico no autor; e leva-o a pensar a respeito da viagem de Cristóvão Colombo, iniciando um longo devaneio. A emoção de ter descoberto um novo mundo, que deve ter sentido, assim como ele, o navegador genovês, aproxima-os por meio dessa experiência compartilhada. Além dele,

Vasco de Gama ne dut pas être moins émerveillé, lorsqu'en 1498, il aborda la côte de Malabar. Alors, tout change sur le globe : une nature nouvelle apparaît ; le rideau qui depuis des milliers de siècles cachait une partie de la terre, se lève : on découvre la patrie du soleil, le lieu d'où il sort chaque matin « comme un époux, ou comme un géant, *tanquam sponsus, ut gigas* » ; on voit à nu ce sage et brillant Orient, dont l'histoire mystérieuse se mêlait aux voyages de Pythagore, aux conquêtes d'Alexandre, au souvenir des croisades, et dont les parfums nous arrivaient à travers les champs de l'Arabie et les mers de la Grèce. L'Europe lui envoya un poète pour le saluer : le cygne du Tage fit entendre sa triste et belle voix sur les rivages de l'Inde ; Camoëns leur emprunta leur éclat, leur renommée et leur malheur ; il ne leur laissa que leurs richesses<sup>4</sup>. (CHATEAUBRIAND, 1849: 147-147, v. 2)

---

<sup>4</sup> Vasco da Gama não devia estar menos maravilhado quando, em 1498, desembarcou na costa de Malabar. Então, tudo muda sobre o globo: uma natureza nova aparece; a cortina, que há milhares de séculos escondia uma parte da terra, é aberta; descobrimos a pátria do sol, o lugar de onde ele sai a cada manhã “como um esposo, ou um gigante, *tanquam sponsus, ut gigas*”. Víamos a olho nu o sábio e brilhante Oriente, cuja história misteriosa confundia-se com as viagens de Pitágoras, com as conquistas de Alexandre, com as lembranças das cruzadas; e cujas fragrâncias chegavam até nós através dos campos da Arábia e dos mares da Grécia. A Europa enviava-lhe um poeta para

O valor da descoberta, assinalado pelo sentimento emotivo, provém da passagem de uma experiência indireta, mediada pelo narrar, a uma experiência direta, decorrente do viver. À semelhança de Cristóvão Colombo e de Vasco da Gama, Chateaubriand torna-se testemunha de uma realidade que só conhecia por intermédio de relatos de sujeitos e tempos diversos. Empodera-se, assim, do vivido e também torna-se capaz, a seu turno, de narrá-lo. Entretanto, o relato, enquanto materialização verbal da experiência, deve não só resultar do que se vê, mas também incorporá-lo de alguma maneira ao que diz, como Camões o fez.

A menção ao poeta assinala uma redescoberta de seu legado poético por Chateaubriand, que passa a prezar suas temática e execução bastante criticadas em *Le Génie du Christianisme*. Nessa medida, a valorização decorre do reconhecimento de uma transformação criativa das Índias que, se não nega a visão, transfigura-a em poesia. É interessante notar que esse reconhecimento provém do valor de contemporaneidade que encontra em seus poemas, não discriminados nesse excerto; e indica que não só ampliou o *corpus* para além de *Os Lusíadas*, mas também, dentro dessa perspectiva de viagem, encontrou um sentido precioso para eles. Dessa maneira, a presença de Camões assinala uma incorporação a serviço das *Mémoires d’Outre-Tombe*, que buscam, a partir de uma visão histórica complexa, ressaltar o percurso espaço-temporal de um indivíduo notável, bem como com quem se relaciona; e valorizá-lo por meio de seus feitos, compreendendo sua produção literária.

Ainda no segundo tomo das *Mémoires d’Outre-Tombe*, Chateaubriand, já na América, relata que, com a partida dos caçadores, permaneceu com as mulheres e as crianças. Entre essas mulheres, havia duas índias que lhe suscitam certa admiração, mesmo sem ser capaz de compreendê-las; e de quem descreve, em pormenores, corpo e indumentária, bem como ações cotidianas. Quando encerra a descrição, faz as seguintes considerações:

Faible que j'étais, je cherchais des exemples de faiblesse,  
afin de m'encourager. Camoëns n'avait-il pas aimé dans les  
Indes une esclave noire de Barbarie, et moi, ne pouvais-je  
pas en Amérique offrir des hommages à deux jeunes sul-  
tanes jonquilles ? Camoëns n'avait-il pas adressé des Ende-  
chas, ou des stances, à Bárbara escrava ? Ne lui avait-il pas  
dit: A quella captiva, / Que me tem captivo, Porque nella vi-  
vo, / Já não quer que viva. / Eu nunca vi rosa / Em suaves  
molhos, / Que para meus olhos / Fosse mais formosa. //  
(...) Pretidão de amor, / Tão doce a figura, / Que a nave lhe  
jura / Que trocara a cor. / Leda mansidão, / Que o siso  
acompanha: / Bem parece estranha, / Mas Barbara não.

---

saudá-lo: o cisne do Tejo fez ouvir sua triste e bela voz no litoral da Índia; Camões tomou empresta-  
do seus estrondo, fama e desdita; e deixou-lhes apenas suas riquezas.

Cette captive qui me tient captif, parce que je vis en elle, n'épargne pas ma vie. Jamais rose, dans de suaves bouquets, ne fut à mes yeux plus charmante. / (...) Sa chevelure noire inspire l'amour ; sa figure est si douce que la neige a envie de changer de couleur avec elle ; sa gaîté est accompagnée de réserve : c'est une étrangère : une barbare, non<sup>5</sup>. (CHATEAUBRIAND, 1849: 292-293, v. 2)

A fragilidade que sente decorre provavelmente de estar em um lugar não familiar, apesar de encantador; e de não ser capaz de se comunicar com as duas indígenas, que conversavam entre si. Para atenuar o sentimento, a solução encontrada foi entregar-se à escrita; e vislumbrar a possibilidade de homenagear as duas silvícolas que lhe faziam companhia. Esta ideia foi suscitada por um poema de Camões, de que depreende uma circunstância considerando-a também autobiográfica. Chateaubriand, assim, cruza as histórias de vida de ambos; e apropria-se desse episódio afetivo para a composição das *Mémoires*. Desse modo, transfigura a cena cotidiana em um elogio à graça selvagem, que não considera bárbara; e estende ao poeta essa percepção sensível do estrangeiro, que lhe é tão cara.

Dito de outra forma, Chateaubriand atribui a Camões a capacidade de revelar a beleza indígena, que foge ao comum, de maneira análoga ao que faz nessa passagem de sua autobiografia. É importante ressaltar que a lírica de Camões só havia sido parcialmente traduzida para o francês como apêndice de *Os Lusíadas* e parte de biografias, de modo que *Endechas a Bárbara Escrava* é uma adição significativa no corpo das *Mémoires*. De fato, a tradução dos versos apresentada não é a mesma que consta, por exemplo, na versão corrigida de *Les Lusiades* (1841), originalmente traduzida por Millié (1825), o que permite formular a hipótese de que foi feita especialmente para a autobiografia. Dessa maneira, resulta, do encontro textual entre os dois gênios, uma irmandade poética que, por intermédio de sua associação, acaba por valorar tanto a obra de Camões quanto a de Chateaubriand.

No terceiro tomo das *Mémoires d'Outre-Tombe*, o escritor aponta sua proximidade com a literatura inglesa, decorrente da preparação de *Le Génie du Christianisme*; e relata que, durante o exílio na Inglaterra, encontrou opiniões bastante distintas das que lera ainda na França. Nessa medida, constatou o contraste entre dois cânones de uma mesma literatura, de que um autor pode, conforme o crítico, ser duramente repreendido ou abundantemente elogiado. Apesar de significativas

---

<sup>5</sup> Frágil como estava, procurava exemplos de fragilidade, a fim de me acalantar. Não havia Camões amado nas Índias uma escrava negra bárbara; e eu, não podia eu, na América, prestar homenagem a duas jovens sultanas narcísicas? Não havia Camões endereçado *endechas*, ou estrofes, à *Bárbara escrava*? Por acaso não lhe disse: Aquela cativa / Que me tem cativo, / Porque nela vivo / Já não quer que viva. / Eu nunca vi rosa / Em suaves molhos, / Que pera meus olhos / Fosse mais fermosa. // (...) Pretidão de Amor, / Tão doce a figura, / Que a neve lhe jura / Que trocara a cor. / Leda mansidão, / Que o siso acompanha; / Bem parece estranha, / Mas bárbara não.

diferenças, percebeu também que isso não ocorria com alguns escritores, como Milton e Shakespeare, cuja valoração era unívoca. Chateaubriand formula, assim, a hipótese de que, até o dia de seu desaparecimento, costuma-se ignorar grandes poetas; grandes poetas, porém, costumam reconhecer uns os outros. Isso não se restringe à literatura inglesa:

Le Tasse célèbre Camoëns encore presque ignoré, et lui sert de renommée. Est-il rien de plus admirable que cette société d'illustres égaux se révélant les uns aux autres par des signes, se saluant et s'entretenant ensemble dans une langue d'eux seuls comprise ?<sup>6</sup> (CHATEAUBRIAND, 2009: 289, t. 3)

O reconhecimento sugere que autores relacionam-se de maneira colaborativa em função de suas criações poéticas, à revelia da emulação; e constituem redes de apoio com que se valorizam mutuamente, em detrimento da hierarquização entre mestres e aprendizes. A maneira como Chateaubriand aborda a relação entre Tasso e Camões revela um interesse em incorporar este dispositivo em sua autobiografia, de modo a estabelecer e integrar uma comunidade figurada de gênios. Dito de outra forma, a digressão elucida a natureza da valoração produtiva que faz do legado de escritores; e serve de justificativa para apropriações e comentários como os anteriormente analisados. É possível sustentar que Camões e Tasso são escolhas claramente deliberadas, pois refletem não só uma preferência de Chateaubriand, mas também as possibilidades e os limites de identificação e de espelhamento entre suas vidas e obras.

No décimo primeiro tomo das *Mémoires d'Outre-Tombe*, Chateaubriand, durante uma estada na Itália, aborda mais detidamente a vida de Tasso e enfoca a produção de suas obras associada a seu percurso biográfico. Detém-se sobretudo nas virtude e beleza de poemas, provenientes de seus infortúnios, que indicam seu destino desditoso. Esta passagem elucida a escolha de Tasso e de Camões como horizontes para sua autobiografia, de modo a tornar clara sua função:

Montaigne visita le Tasse réduit à cet excès d'adversité, et ne lui témoigne aucune compassion. À la même époque, Camoëns terminait sa vie dans un hospice à Lisbonne ; qui le consolait mourant sur un grabat ? Les vers du prisonnier de Ferrare. L'auteur captif de la Jérusalem, admirant l'auteur mendiant des Lusiades, disait à Vasco da Gama : « Réjouis-toi d'être chanter par le poète qui tant déploya son vol glorieux, que tes vaisseaux rapides n'allèrent pas aussi loin. »

---

<sup>6</sup> Tasso celebra Camões ainda pouco conhecido e contribui com a sua *fama*. Há algo mais admirável do que esta sociedade de iguais ilustres revelando-se uns aos outros por meio de sinais, saudando-se e conversando em uma língua conhecida apenas por eles?

Tant' oltre stende il glorioso volo / Che i tuoi spalmati legni andar men lungo. Ainsi retentissait la voix de l'Éridan au bord tu Tage ; ainsi, à travers les mers, se félicitaient d'un hôpital à l'autre, à la honte de l'espèce humaine, deux illustres patients de même génie et de même destinée. Que de rois, de grands et de sots, aujourd'hui noyés dans l'oubli, se croyant vers la fin du seizième siècle des personnages dignes de mémoires, ignoraient jusqu'aux noms du Tasse et de Camoëns !<sup>7</sup> (CHATEAUBRIAND, 1850: 213-214.)

O fim da vida dos poetas italiano e português revela em definitivo a valoração proposta por Chateaubriand. Apesar do valor intrínseco que encontra em suas obras, o escritor relata que Tasso e Camões morreram em circunstâncias semelhantes, muito aquém do esperado para poetas de gênio. Dessa maneira, vislumbra uma cumplicidade nesses derradeiros instantes, já que contam com o apoio imaterial um do outro: o primeiro, ressaltando a importância de seu trabalho para Vasco da Gama; o segundo, consolando-se com os versos do primeiro. De fato, a indiferença de Montaigne em relação a Tasso sugere que a cumplicidade não é fortuita e acaba por reforçá-la. A valoração produtiva realiza-se, assim, novamente por meio do espelhamento biobibliográfico entre os poetas e o escritor; mas distingue-se em relação a sua finalidade, haja vista que não se trata apenas de uma valorização mútua por associação.

Ainda que estabeleça tácita e diretamente paralelos entre seus revezes políticos e sociais no corpo das *Mémoires*, Chateaubriand parece buscar um destino diferente dos de Tasso e Camões. O valor de contemporaneidade do paralelo provém da impossibilidade de se estabelecer uma identificação total de suas vidas e obras no horizonte de uma sociedade burguesa e não mais aristocrática. As *Mémoires d'Outre-Tombe* evocam, por intermédio de Camões e Tasso, não só o dúbio reconhecimento de obras de gênio, que considera frequentemente tardio; mas também a incerteza das condições materiais de vida do escritor enquanto não ocorre. É importante ressaltar que a morte de Camões também foi enfocada na biografia de Madame de Staël, tematizada na ode de Raynouard e apropriada como trama para a narrativa *Camoëns et Jozé Índio* (1824) de Ferdinand Denis, de modo que se tornou um *topos*

---

<sup>7</sup> Montaigne visitou Tasso diminuído ao excesso da adversidade e mostrou nenhuma compaixão. Na mesma época, Camões encerrava sua vida em um asilo em Lisboa; quem o consolava enquanto morria em seu catre? Os versos do prisioneiro de Ferrara. O autor cativo de *Jerusalém*, admirando o autor mendicante de *Os Lusíadas*, dizia a Vasco da Gama: "Alegra-te por cantar-te o poeta que tão bem alçou um voo glorioso, porque tuas rápidas embarcações não foram tão longe." *Tant' oltre stende il glorioso volo / Che i tuoi spalmati legni andar men lungo*. Assim ecoava a voz de Eridano às margens do Tejo; assim, através dos mares, elogiavam-se, de um asilo a outro, para a vergonha da espécie humana, dois ilustres pacientes com igual gênio e igual fortuna. Que reis, grandiosos e idiotas, hoje afogados no esquecimento, crendose, no final do século XVI, personagens dignos de memória, ignoravam até mesmo os nomes de Tasso e de Camões!



entre diversos autores românticos, franceses e estrangeiros. Com efeito, este *topos* distancia-se dos *topoi* do gênio incompreendido e do poeta maldito; e tensiona-se com a conformação do campo literário e com a profissionalização do escritor.

Chateaubriand reflete a respeito da memória e do esquecimento, em função das mortes de Camões e de Tasso, e indaga as possibilidades de reconhecimento de um poeta de gênio face à história. No caso dos dois poetas, demonstra indignação com o aparente descaso de seus contemporâneos; e atribui vergonha à espécie humana por tê-lo permitido. Além disso, mostra-se sensível às inúmeras transformações históricas do período, uma das motivações de sua autobiografia; e percebe mudanças substanciais no que concerne à criação literária e ao campo de ação do escritor.

Les orateurs de la Grèce et de Rome furent mêlés à la chose publique et en partagèrent le sort ; dans l'Italie et l'Espagne de la fin du moyen âge et de la Renaissance, leurs premiers génies des lettres et des arts participèrent au mouvement social. Quelles orageuses et belles vies que celles de Dante, de Tasse, de Camoëns, d'Ercilla, de Cervantes ! En France, anciennement, nos cantiques et nos récits nous parvenaient de nos pèlerinages et de nos combats ; mais, à compter du règne de Louis XIV, nos écrivains ont trop souvent été des hommes isolés dont les talents pouvaient être l'expression de l'esprit, non des faits de leur époque. <sup>8</sup>  
(CHATEAUBRIAND, 1850: 496-497.)

As *Mémoires d'Outre-Tombe* adotam uma perspectiva autobiográfica inscrita na história; e enfocam as transformações sociais de que seu autor fez parte ou testemunhou. Fomentam, assim, uma consciência reflexiva a respeito de si e da história. Nessa medida, Chateaubriand apropria-se das vida e obra de Camões como manifestação privilegiada para a poética de sua autobiografia: homem e obra em consonância com as transformações sociais de seu tempo. Com efeito, a capacidade de percepção e de ação na história parece ser uma característica do poeta de gênio para o escritor, sobretudo nessa passagem. Para além dos espelhamentos biobibliográficos, a valoração produtiva encontrada nas *Mémoires d'Outre-Tombe* efetiva uma atualização de sentido do legado camoniano no horizonte de uma sociedade burguesa; e revela a potencialidade das vida e obra de Camões para a concretização desse projeto.

---

<sup>8</sup> Os oradores de Grécia e Roma foram confundidos com a coisa pública e partilharam de sua sorte ; na Itália e na Espanha do final da Idade Média e do início da Renascença, seus primeiros gênios das letras e das artes participaram das mudanças sociais. Que trovejantes e belas vidas as de Dante, de Tasso, de Camões, de Ercilla, de Cervantes! Na França, antigamente, nossos cânticos e nossas histórias provinham de nossas peregrinações e de nossos combates; mas, a partir do reino de Luís XIV, nossos escritores foram frequentemente homens isolados cujos talentos podiam ser a expressão do espírito, não os fatos de sua época.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

CHATEAUBRIAND, François-Auguste. *Génie du Christianisme, ou Beautés de la Religion Chrétienne*. T. 2. Paris: Migneret, 1802.

\_\_\_\_\_. *Mémoires d'Outre-Tombe*. T. 2. Paris: Eugène et Victor Penaud Frères, 1849.

\_\_\_\_\_. *Mémoires d'Outre-Tombe*. T. 3. Paris: Eugène et Victor Penaud Frères, 1849.

\_\_\_\_\_. *Mémoires d'Outre-Tombe*. T. 11. Paris: Eugène et Victor Penaud Frères, 1850.

DENIS, Ferdinand. *Camões e José Índio*. Organização, tradução e notas de Rafael Souza Barbosa. Rio de Janeiro: Makunaima, 2014.

GALLUT, Anne. *O Morgado de Mateus, Editor de Os Lusíadas*. Tradução de Maria Carlos Loureiro. Lisboa: Alêtheia Editores, 2015.

GIL, Beatriz Cerisara. *Remémoration et histoire dans les Mémoires D'Outre-Tombe de F.-R. de Chateaubriand et leur traduction en portugais*. Tese (Letras) – Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

RAYNOUARD, François. Camoens. *Ode*. Traduzido para o português por Francisco Manuel do Nascimento. Anais das Ciências, das Artes e das Letras, Paris, t. V, 1819, segunda parte, p. 1-15.

SISMONDI, Jean Charles Léonard Sismonde de. *De la Littérature du Midi de l'Europe*. Paris; Strasbourg: Treuttel et Würtz, 1813.

SOUZA-BOTELHO, José Maria de (org.). *Os Lusíadas, Poema Épico de Luís de Camões* [de acordo com a edição de 1817, In-4º]. Paris: Firmin Didot, 1819.

STAËL, Germaine de. Camoens. In: *Biographie Universelle, Ancienne et Moderne*. T. 6. Paris: Michaud Frères, 1812, p. 618-621.